



João Nicolau Um filme de Telheiras para o mundo

PÁGINAS 18 E 19

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

Ano XXXV • Número 1186 • De 16 a 29 de março de 2016
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

Filipe Ribeiro Meneses

As 'guerras' de Afonso Costa PÁGINA 31

Helder Macedo

Uma história com gato dentro PÁGINA 35

João de Melo

Os livros da insatisfação PÁGINA 36

Ana Zanatti, Paulo Varela
Gomes e João Ricardo Pedro

Três formas de escre(vi)ver

Contra o preconceito, a também atriz publica um ensaio singular; contra a morte, o também arquiteto dá a lume uma nova ficção; contra o esquecimento, o vencedor do Prémio Leya em 2011 regressa com o seu segundo romance.

Entrevistas, pré-publicação e texto
de Walter Rossa

PÁGINAS 7 A 11 E 27 A 29



João Ricardo
Pedro

Paulo Varela
Gomes

Paulo Varela Gomes

Fúria de escre(vi)ver

Quando se jubilou, em 2012, da Universidade de Coimbra (UC), encontrou um novo fôlego literário, depois das experiências nos anos 80. Publicou *O Verão de 2012*, *Hotel* e *Era uma vez em Goa*. Lança agora o que começou a escrever antes destes três: *Passos Perdidos*, uma obsessão académica convertida em ficção sem fronteiras. É o regresso ao início de um novo ciclo romanesco, que coincidiu com uma fúria de escrita. E de vida. Entrevista com o escritor e texto de Walter Rossa, seu amigo e companheiro de investigação e no departamento de Arquitetura da UC

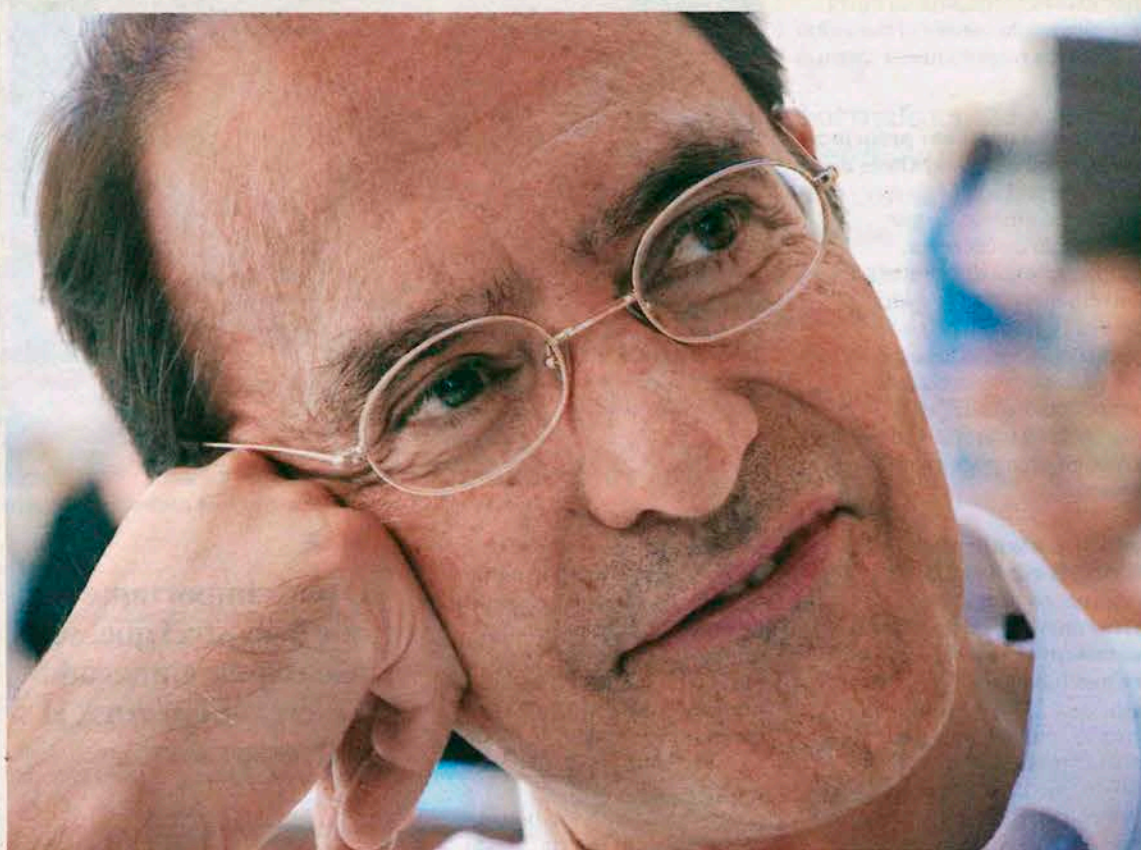
Luís Ricardo Duarte

É

É um facto público e conhecido. Paulo Varela Gomes está bastante doente, com um cancro que o tem debilitado muito nos últimos quase quatro anos. Sobre este dura experiência escreveu, aliás, um extraordinário texto para o número 5 da revista *Granta*, intitulado *Morrer é mais difícil do que parece*. “Não havia nada que valesse a pena fazer”, disseram-lhe. Mas não aceitou. Recorreu à homeopatia, por considerar que era o tratamento que melhor se ajustava, e nunca baixou os braços, num misto de pragmatismo e esperança. Já se passaram muitos meses e Paulo Varela Gomes não desperdiçou um só dia. Lançou-se à escrita, que na verdade era o projeto que tinha reservado para a sua reforma.

Nascido em 1952, foi professor do ensino secundário e depois na Universidade de Coimbra nas suas áreas de formação: História e História da Arquitetura e da Arte. Nos anos 80, a escrita tentou outros caminhos, tendo publicado três ficções sob pseudónimo, que faz questão de manter no anonimato. No entanto, as exigências académicas e sobretudo as muitas colaborações com jornais (foi cronista do JL, *Expresso* e *Público*, deste até há pouco tempo) roubaram-lhe o tempo necessário à ficção. Tempo esse que esperava ter agora, mas o início da escrita do primeiro romance coincidiu com o diagnóstico clínico.

Em vez de desistir, continuou. Deu à estampa, em anos sucessivos, *O Verão de 2012*,



Paulo Varela Gomes “Não me importa nada a verosimilhança mas importa-me muito a exatidão”

Hotel, *Era uma vez em Goa*, que revelaram um escritor inventivo, com uma exuberante capacidade descritiva e uma conceção de romance enquanto jogo, labirinto e infinitas possibilidades. Qualidades pouco comuns à literatura portuguesa, já distinguidas com o Prémio PEN Clube de Narrativa, atribuído a *Hotel*.

Para se conhecer melhor este novo fôlego literário faltava, porém, o romance que desencadeou tudo. *Passos Perdidos*, iniciado em 2012 mas só agora publicado pela Tinta-da-China, começou por ser um interesse académico pelas salas dos Passos Perdidos de estações, tribunais e parlamentos para se transformar numa narrativa sobre viagens (ilhas, muitas ilhas) e relações humanas. Uma ficção em constante diálogo com

a história e a memória, que lança mão a uma sabedoria que não se esgota no dia de ontem.

Jornal de Letras: Escrever é perder-se nos passos de uma história? Ou gosta de seguir um plano?

Paulo Varela Gomes: Um pouco dos dois. Em geral faço um plano muito esquemático (uma página, talvez duas) que se destina acima de tudo a procurar segurar as rédeas da ansiedade. Com um “plano”, o salto que dou já não é inteiramente no escuro. Depois, naturalmente, perco-me, lançando de quando em longe um olhar de esguelha ao “plano”. No fim, o “plano” é como que uma imagem fantasmagórica da história.

E como foi no caso deste *Passos Perdidos*?

Este livro implicou muita

“

A questão da diferença entre ficção e factos, é matizada por muitas gradações: quando e como é que o interesse dos leitores e do autor deslizam do prazer de ler para o de saber?

investigação e tornou muito arriscado não segurar as rédeas mais curtas. Houve mais “plano” ou, em todo o caso, muitas folhas de cábulas e apontamentos. E nesse plano já estava a ideia de oposições que é muito forte neste

livro: mulher e homem, natureza e edificação humana, pequena e grande escala, vazio e ocupado, ficção e factos? São oposições que lhe interessam?

Parece-me que me interessam mais as áreas nevoentas e indistintas que nos fazem duvidar das oposições. Por exemplo: a mulher, Anna W., não é “normal”, digamos assim, e faz gato sapato de um homem que tem pouco do homem tradicional. A ilha e as salas dos Passos Perdidos são formas que, apesar das óbvias diferenças, têm muito em comum: o espaço que os constitui é fechado, virado para si mesmo. Escalas e densidade de ocupação constituem também experiências subjetivas. Quem é que nunca se sentiu só no seio de uma multidão?

É uma questão de perspetiva?

E de escala, que é precisamente um assunto sobre o qual é imprudente falar de diferenças e oposições. A escala é um ponto de vista: o mesmo objeto pode ser representado à escala de um centímetro para 10 ou outra qualquer. E pode ser visto flutuamente também: à medida que nos aproximamos, a dimensão aumenta mas a escala diminui. A questão da diferença entre ficção e factos, também é matizada por muitas gradações: quando e como é que o interesse dos leitores e do autor deslizam do prazer de ler para o de saber? E serão dois prazeres muito diferentes?

Uma das personagens do romance é fascinada por ilhas pequenas. É também o seu caso?

Para mim, a ilha pequena é um lugar de refúgio, familiaridade e proteção.

E, em particular, o que o chamou à escrita na ilha de Santa Helena?

Fui parar a Santa Helena por razões de construção do livro. Precisava de uma história, um episódio, que revelasse ou desse a entender aos leitores que se passava alguma coisa dolorosa no espírito de Anna W. Não resisti a desfraldar o mapa de Santa Helena quando dei pela existência de Betsy, sobre quem já se escreveu muito mas não, ao que me parece, do meu ponto de vista. É uma história espantosa e tão “equivoca” que não me admiro que tenha vindo a passar quase despercebida.

Porque considera “equivoca” a amizade de Betsy com Napoleão?

Betsy já não era uma criança mas ainda não era uma mulher. Ela e Napoleão brincavam um com o outro como se fossem crianças muito marotas (ele mais do que ela, porque era adulto).

Revelou numa entrevista que nunca esteve em Santa Helena. Tentou imaginar o que lá poderia encontrar?

Tentei saber: li muitos livros e memoriais do século XVI aos nossos dias, vi centenas de imagens, consultei dezenas de sítios da Internet, utilizei com absoluto fascínio o Google Maps e o Google Earth. Quando estava a escrever, lembro-me de que sabia o nome e a localização de todos os hotéis e restaurantes de Jamestown!

Porquê essa pesquisa toda? Quis a exatidão e verosimilhança?
Não me importa nada a verosimilhança mas importa-me muito a exatidão. O livro, por incrível que possa parecer, é fortemente realista (como, aliás, já era o *Hotel*). É exato tudo o que se conta sobre pessoas, sítios e coisas reais do presente e do passado (enfim, descontando a peneira da escrita, digamos assim, e os erros do autor, que os há).

Já lhe aconteceu, enquanto leitor, estudioso ou escritor, deparar-se como uma descrição textual que supera a realidade?
Para superar a realidade, a descrição tem que ser mais do que isso, tem que ser um canto de glória às coisas como as conhecemos. Um exemplo: a descrição de Istambul por Edmondo de Amicis que é tão fascinante e bonita que a própria cidade, o que não é dizer pouco!

E gostou de viajar através da internet, seguido a rota da Wikipedia e os azimutes do Google Earth?
Transformei-me pouco a pouco num fanático da Internet. Quando comecei a tentar utilizar os seus instrumentos de pesquisa, lá para o início do século, aquilo era uma anedota. Mas agora, e de dia para dia, vai-se tornando num dos mais importantes, senão o mais importante, instrumento de pesquisa monográfica e bibliográfica que temos ao nosso dispor. Antes, lembro-me que ia dos livros para a Internet à procura de imagens, sobretudo. Agora, vou da Internet para os livros porque é na Internet que fico a saber quais são os livros que me interessam. A Wikipedia, por seu lado, pode ter muitos defeitos – que enciclopédia não tem? – mas a dimensão, o pormenor, a maneira como os editores assinalam as próprias dúvidas, é notável. E toda aquela gente, ou quase toda, trabalha por trocos! Sim, a Wikipedia merece os Prémios Nobel todos.

No lado oposto ao das ilhas está a arquitetura e, em particular, os passos perdidos. O que há de especial nestes locais?
Não me interessam todas as salas dos Passos Perdidos, muito longe disso. Por exemplo, a da Assembleia da República é uma coisinha que está para ali. Verdadeiras salas de Passos

Perdidos têm de ser gigantescas e encerradas para me chamarem a atenção, autênticos monumentos à arrogância humana... Se as pessoas prestassem atenção ao espaço e às formas não se limitavam a passar pela sala “de bilheteiras” ou Grand Salone da estação de Caminhos de Ferro de Milão. Prestavam atenção a um sítio fabuloso.

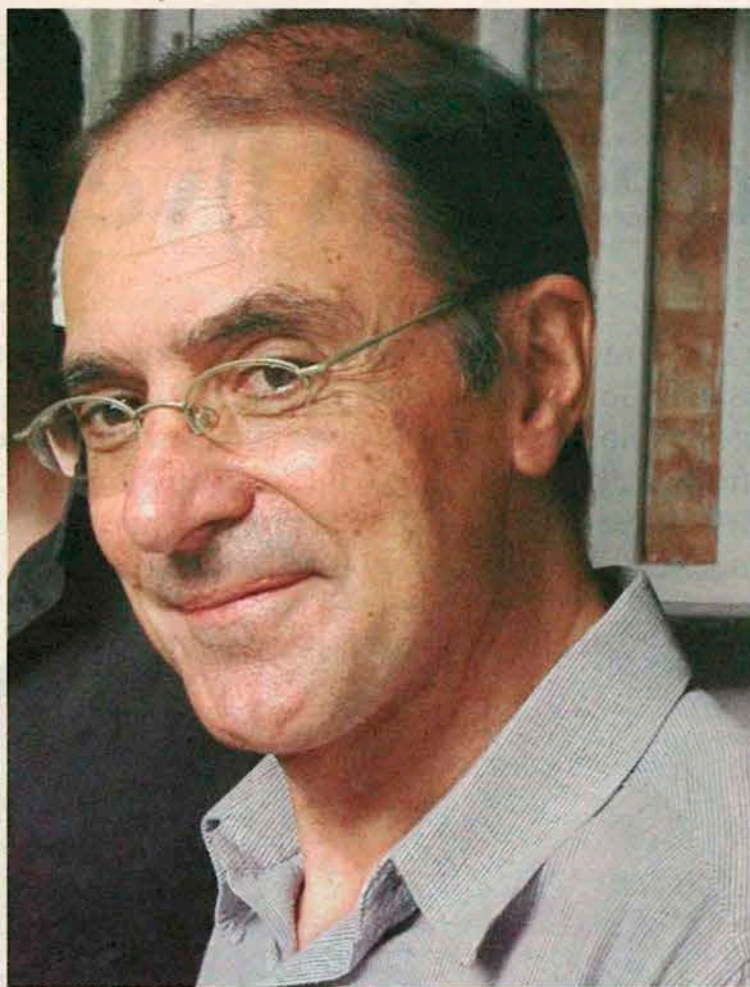
Como é que essa investigação, iniciada ainda enquanto investigador, acabou por ser transposta para a ficção?
Porque fiquei doente e a investigação em história da arquitetura implica muitas viagens, muitas horas de biblioteca, congressos, colóquios, publicações. A investigação ficou onde estava (com uma ou outra exceção: ainda consegui consultar os arquivos respeitantes a alguns edifícios)

Sente que há um olhar próprio ao escritor e ao ensaísta? Ou os dois misturam-se?
São duas maneiras de ver e sobretudo de escrever, completamente diferentes. Convém que o investigador escreva limpinho de modo a seduzir o leitor. Mas está “escravizado” pela nota de rodapé, quer dizer, pelas referências à matéria que investiga. Não pode (não deve) inventar.

Por serem tão diferentes, era inevitável que Anna W e C. Brandon, os protagonistas deste romance, se cruzassem e mudassem os seus destinos?
Era inevitável que houvesse equívocos. Porque aquilo que Anna W. procura não pode encontrar em C. Brandon. Entendamo-nos: quem ler o livro com atenção perceberá que Anna W. não gosta de homens, pelo menos de um certo ponto de vista que não vou revelar aqui. C. Brandon, por seu lado, também não gosta exatamente de mulheres. Gosta de Anna W., azar dele.

Faz questão de associar atores de cinema às duas personagens principais, Anna W. e C. Brandon. Porquê essa opção e essas escolhas?
É o problema da descrição. Pergunto: que sentido faz pôr-se um escritor do século XXI a descrever a forma de um personagem? Há milhões de fotografias de pessoas que servem muito bem (Alicia Vikander, por exemplo). Acresce que os personagens de cinema, além de uma forma, têm também uma forma de ser – que me servia perfeitamente e me poupou muito trabalho inútil.

Não tem medo de fechar a imaginação do leitor?
Lembro-me quando, no início



Escrita “Interessam as áreas nevoentas e indistintas que nos fazem duvidar das oposições”

dos anos de 1980, houve um grande debate sobre os video-clips: o vídeo ia matar a imaginação dos que gostavam de música popular – ou de ópera. Tal como, se comentou incessantemente a frase do arquidiácono da *Notre Dame* de Victor Hugo que, ao olhar para um livro, essa invenção nova, e para a sua catedral que contava histórias em pedra, disse “Ceci tuera cela” [“isto matará aquilo”]. Mas não. Há tudo: personagens de livros em fotografia, video-clips, livros... e arquitetura eloquente.

C. Brandon faz ainda a ponte com W. G. Sebald, de quem foi colega. É o desvelar de uma influência ou pelo menos de uma postura literária comum, devedora da digressão e da convocação de ilimitados saberes?
Não acho que alguma vez tenha sido influenciado por Sebald. Para isso era preciso ser um grande escritor. Acho que se houve influência foi pela felicidade. Os livros dele, que conheci tarde, já o autor tinha morrido (dezembro de 2001) encheram-me de profunda alegria: afinal, continua a fazer-se literatura do mais alto gabarito, afinal escrever livros vale a pena.

História e memória são dois elementos chave na ficção de Sebald. Para si também?
Claro. Aliás tenho tendência para não me interessar mais de

“O mais importante é que é possível que, se não tivesse começado a escrever em 2012, já estivesse morto”

um minuto por livros cujo arco temporal de sabedoria não vai além da véspera.

Desde que se jubilou, já publicou quatro romances: encontra neles algum elo comum?
São muito parecidos no modo como abordo o material e o trato. Até mesmo o *Era uma vez em Goa*, que vem um pouco à parte (foi o primeiro que acabei, antes de *O Verão de 2012*, embora tenha sido publicado só três anos depois). Derivações, interrupções, intertextualidade, incompletude propositada, etc

Não esconde que teve outra vida literária, nos anos 80, sob pseudónimo. O seu leitor atual ficaria muito surpreendido se se deparasse com esses livros?
Não.

Como recorda hoje esses livros?
Um é mau, outro passável, o terceiro bom. Não tenho saudades. Só tenho pena de não

ter tido bastante energia e fúria de escrever.

Não pensa voltar a publicá-los ou, pelo menos, a divulgá-los?
Não, só um deles valeria o esforço.

E tem outros livros para publicação. Já falou de uma antologia de contos...
Tenho uma antologia de contos “heterodoxos”, quer dizer, com referência permanente mas não canónica às questões e à terminologia religiosas. São contos cómico-trágicos. Um deles, estava a escrevê-lo e a rir a bandeiras despregadas, apesar de se tratar de uma referência óbvia à minha morte. A coletânea intitula-se *A Ressurreição da Senhora Professora e outros contos heterodoxos*. E ainda há um conto comprido, ou novela curta, que se intitula *A Guerra de Samuel* e é sobre a guerra civil em Portugal em 2025 e questões relativas ao catolicismo. Isto está tudo pronto a ser editado.

Guerra civil em 2025?! Espera o pior do nosso país?
Não espero nada. Mas sei que há coisas muito piores que a guerra civil. A horrível degradação moral dos portugueses e a decadência do país, por exemplo.

Continua a trabalhar em novos livros?
Tento. Mas o corpo não ajuda.

Já escreveu muito sobre a sua doença. A escrita são também passos encontrados?
O mais importante é que é possível que, se não tivesse começado a escrever em 2012, já estivesse morto. Acho que a minha editora quer que eu continue a escrever tanto como N. S. Jesus Cristo.

“O cristianismo, que estava quase esquecido desde o meu batismo, irrompeu pela minha vida através da palavra de um padre”, escreveu no texto que publicou na Granta. Na religião encontrou o sentido para o que muitas vezes não parece ter?
Encontrei sentido para o mundo e a vida. Percebi de onde vem o mundo e com que propósitos devemos viver nele. JL



► Paulo Varela Gomes
PASSOS PERDIDOS
Tinta-da-China, 392 pp, 18,90 euros

Viver e escrever pela faixa da esquerda



Paulo Varela Gomes "Parece que formalmente *Passos Perdidos*, tal como os livros anteriores, não pode ser considerado um ensaio, mas para mim é"

Walter Rossa

❖ Não sou crítico literário, nem sequer o leitor compulsivo que já fui e, um dia, espero, voltarei a ser. Não sei distinguir com propriedade géneros literários, não exercito qualquer forma de análise estrutural ou comparativa do vou lendo, procuro nela apenas outras formas, livres, de interpretação de realidades e quotidianos que julgo conhecer ou imagino de forma viciada. Em suma de forma invariavelmente descontraída e até inconsciente busco na literatura alimento para o espírito e para as minhas mais íntimas inquietações. É pois com sobressalto que desempenho a tarefa, que aceitei num impulso, de escrever a partir do livro mais recente de um grande amigo. E agora...

Trato-o por livro porque não sei como lhe chamar além do nome próprio, *Passos Perdidos*. Romance, novela, conto, crónica? De memória, a tal traiçoeira, encontro algum conforto em comentários de pessoas autorizadas sobre os livros anteriores. Um deles a propósito do premiado *Hotel* declarava Paulo Varela Gomes (PVG) criador do género "romance de arquitetura". Não sei, porque sou arquiteto, mas percebo. Todavia não me consigo libertar de um comentário de Eduardo Lourenço quando há meia dúzia de meses, a uma mesa de jantar, me

questionava sobre o estado de saúde dele: "Um dos grandes ensaístas portugueses deste tempo". Porquê? Porque é que ele disse isso e porque é que eu não perguntei? Porque sem saber, mas sentindo-o, concordei imediatamente, ficando obcecado com o "deste tempo".

Parece que formalmente *Passos Perdidos*, tal como os livros anteriores, não pode ser considerado um ensaio, mas para mim é. Ou melhor, é uma ludibria, se não mesmo notavelmente engenhosa montagem de ensaios. Recorrendo a uma história que (usando uma expressão que ouvi a PVG triliões de vezes) "não interessa p'ra nada", o autor submete a leitora (sim, a "leitora", porque o livro envereda por essa opção "deste tempo") ao confronto com diversos "isto é que interessa!", mas sem lhe dizer como me disse a mim e a centenas de estudantes cuja rebeldia e independência de pensamento incentivou durante a sua (breve) carreira académica.

Claro que a história em si é rica e interessante sob múltiplos aspetos, mas "apenas mais uma", como também ele diria. O que a torna mesmo muito interessante, ao ponto de a considerar impossível de dar um bom filme (por certo fantástica para uma série de documentários históricos), são os ensaios que aglutina sem os chegar a submeter a uma coerência que lhes retiraria toda a relevância.

Por conseguinte, na sua obra literária PVG não faz como desde Montaigne fazem os ensaístas encartados, e como também ele fez nos seus escritos académicos, isolando textos temáticos que em inúmeros casos necessariamente se interpenetram ou explodem em incursões aparentemente despropositadas. Trata-os no tronco que é a história, o conto, o eixo narrativo do livro, uma aparente disciplina que, como convencionado, serve para encobrir a irreverência, para estimular a imaginação, também a irritação. Recorre a personagens cuidadosamente criadas e que, sob múltiplos aspetos, não são mais que alter egos do autor, por vezes de forma assaz despuorida.

De uma forma simplista, em *Passos Perdidos* ela (Anna W.) é um expoente do PVG ativista político a seu tempo impulsivo, incendiário e suicidário, e ele (C. Brandon) o PVG historiador de arquitetura exótico, provocante ou mesmo extravagante nas motivações, temas e resultados de investigação face à dominante. Pelo meio personagens camufladas que integraram a sua vida, ou identificadas como ele próprio e a mulher, Patrícia, imiscuindo-se sem pedir licença, pois a autoridade do autor é inquestionável, tanto quanto o facto de o discurso de quase todos os intervenientes ser assumidamente o seu.

Contudo a autoridade tem que

ser reconhecida, ou melhor, tem que se dar ao respeito. A autoridade de um autor advém necessariamente daquela riqueza de informação que vulgarmente se considera erudição, mas também podemos designar como fundamento da verosimilhança. PVG excede em qualquer uma delas, pois se a realidade é sempre o que pensamos e imaginamos dela, para isso é necessária toda a informação disponível. Por exemplo, para um historiador

“**Formalmente *Passos Perdidos* não pode ser considerado um ensaio, mas para mim é. Ou melhor, é uma ludibria, se não mesmo notavelmente engenhosa montagem de ensaios – recorrendo a uma história**

da arquitetura, tal como para alguns outros profissionais, a realidade impõe desde logo o (re)conhecimento do espaço num tempo. Como narrar algo, "neste tempo" de sensações e meios para as simular, sem todas essas coordenadas? Como o fazer sem o experimentar? Desse ponto de vista este livro tem duas inovações numa, só em relação aos anteriores *Hotel* e *Era uma vez em Goa*. Vejamos.

Mesmo com a passagem de Anna W. por Diu para viabilizar a abordagem de um episódio que sei caro ao autor ("Que tortuoso caminho está o autor a seguir para contar a história de um punhado de heróis..."), Portugal colonial e/ou pós-colonial estão ausentes, não são cenário, nem tema, nem pretexto. Tudo começa no mar, na Ilha de Santa Helena, e as ilhas são referências permanentes de Anna entre as continentais Paris, Bruxelas, Munique, Milão, Bijapur.... PVG esteve em todos esses sítios e, se bem sei, em tempos próximos daqueles em que lá coloca Anna e Brandon, ou melhor, W e C. Para o historiador de arquitetura a experiência dos sítios é crucial, mesmo que o objetivo seja apenas falar dos factos que lá ocorreram, pois os sítios interferem nos factos.

Por aí poderemos compreender a já referida proposta do "romance de arquitetura". Mas também pelo tema arquitectónico do título, um

tipo espacial dúbio e, como tal, de grande riqueza semântica sob os mais diversos aspetos: *Passos Perdidos*. PVG aproveita para legar o que apurou sobre o assunto numa investigação inconclusa, sem o previsível aborrecimento e colossal esforço que um artigo ou livro académico acarretaria em referências, legendas, imagens e autorizações.

Paulo Varela Gomes nunca esteve fisicamente em Santa Helena e aproveita para demonstrar de uma forma exaustiva (mais de um terço do livro) como "neste tempo" isso não importa, pois há todos os meios para o superar. Até nos mais ínfimos detalhes de uma casa ou de paisagens inacessíveis, sendo ainda evidente como a sua peculiar familiaridade de longa data com as fontes e o tempo de Napoleão, designadamente as crónicas individuais e a literatura de viagens, são uma base preciosa para a forma como descreve a ilha prisão de ontem e de culto hoje.

Claro que tudo isso tem como pano de fundo a extraordinária e teimosa curiosidade com que PVG sempre funcionou, procurando saber tudo sobre tudo e o seu contrário, porque o todo do todo é composto por ambos e é extraordinário poder dissertar e argumentar a favor de tudo e todos, ou contra todos eles. A certeza absoluta de hoje é apenas o patamar para a profunda incerteza que amanhã o fará procurar saber mais sobre tudo quanto de novo surgiu a partir de uma tamanha, mas fugaz, convicção. É público o seu posicionamento político à esquerda, talvez menos o facto de nunca o desempenhar cegamente, enriquecendo as suas opções através do diálogo com o contraditório, o profundo entendimento de toda a argumentação em jogo, no fundo uma compreensão autorizada do mundo "deste tempo".

Encontro aí as bases para esta nova forma de compor uma narrativa, talvez também ela fugaz, um ensaio. A aparente e literariamente pecaminosa luxúria cosmopolita ou mesmo peripatética de *Passos Perdidos*, afigura-se-me apenas como uma chave para uma literatura de viagens "deste tempo", aliás já de certa forma perceptível em *Era uma vez em Goa*. *Narrativas* em que mais do que a viagem e os sítios importa aquilo para o que, onde e quando remetem, pois é assim que cada vez mais estruturamos o nosso pensamento, viajando em hipertexto repleto de espaço e imagens que, enquanto realidade, correspondem apenas às nossas obsessões e desejos. **JL**

* Walter Rossa é prof. da Arquitetura e investigador do CES, da Universidade de Coimbra, co-coordenador do programa Patrimónios de Influência Portuguesa